



# HISTÓRIA DO CULTO INFANTIL E SEU PROPÓSITO NA ATUALIDADE

Marilze Wischral Rodrigues<sup>1</sup>

## RESUMO

O texto apresenta pesquisa histórica sobre o contexto de educação cristã, específico para a infância, através dos tempos: da *Kinderpredigten* na época de Lutero, passando pela *Sonntagsschule* alemã, pela *Escola Dominical* inglesa e norte-americana, pelo *Kindergottesdienst*, que veio ao Brasil com os imigrantes alemães luteranos, no início do século 19, até o Culto Infantil dos dias atuais, com o propósito de oportunizar o crescimento na fé, como resposta à ação salvífica de Deus no batismo. Esse crescimento se dá *pela pregação do evangelho*: anúncio da Palavra e ação de Deus em favor da pessoa, por graça e misericórdia; *pela relação de intimidade*: espiritualidade cultivada e expressa de forma cúlrica; e *pela vivência da fé*: no âmbito pessoal e comunitário, testemunhando a fé em ações concretas. É um desafio, hoje, fortalecer o culto infantil pela redescoberta de sua função e propósito; pela capacitação dos que nele atuam; pelo aprofundamento, contextualização dos conteúdos de fé; pela apropriação de metodologias criativas e emancipatórias; pela criação de formas alternativas de buscar as crianças que não participam; pelo despertar do compromisso dos pais; pela postura da igreja em retomar suas prioridades com a educação na fé cristã.

**Palavras-chave:** Escola Dominical – *Kindergottesdienst* - Culto Infantil.

---

1 Marilze W. Rodrigues. Mestra em Teologia pela Faculdades EST, docente da área da Teologia Prática na FLT – Faculdade Luterana de Teologia.

**ABSTRACT**

*The text presents historical research about the specific context of Christian education for childhood, through the times, from the Kinderpredigten at Martin Luther's time, passing for the German Sonntagsschule, for the English and North American Sunday School, for the Kindergottesdienst that came to Brazil with the German Lutheran immigrants, at the beginning of century XIX, until the Infantile Cult of the current days, with the intention of supply the growth in the faith, as reply the redeemer action of God in the Baptism. This growth happens for the preaching of the gospel: announcement of the word and action of God for the person, for grace and mercy; for the intimacy relation: spirituality cultivated and express of cultic form; and for the experience of the faith: in the personal and communitarian scope, testifying the faith in concrete actions. It is a challenge today, to fortify the children's worship for rediscovery of its function and intention; for the qualification of who works in it; for the deepening, contextualization of the faith contents; for the appropriation of creative and emancipating methodologies; for the creation of alternative forms to search the children who do not participate; for the awakening of the parents commitment; for the position of the church in retaking its priorities with the education in the Christian faith.*

**Key-Words:** *Sunday School – Kindergottesdienst - Infantile Cult.*

A preocupação com educação está presente na história da igreja luterana desde a origem, com referência à importância e responsabilidade que Lutero inquiria aos pais para com a educação de seus filhos, por meio de seus escritos: “Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas (1524) e uma prédica para que se mandem filhos para a escola (1530)”.

Lutero alertava “Ai do mundo sempre e eternamente! Todo dia nascem crianças e são criadas entre nós. Infelizmente, não há ninguém que se dedique à pobre juventude e lhe dê orientação. Deixamos as coisas correrem de qualquer jeito”.<sup>2</sup> Para Lutero, pais verdadeiros, cristãos e fiéis, deveriam preocupar-se com o sustento e com a alma dos filhos e, por isso, reivindicar um ensino saudável e competente. Lutero defendia a existência de pessoas capacitadas

---

2 Martim LUTERO. *Educação e reforma*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 17.

para ensinar e educar a infância e a juventude da época.

Veit Dietrich, aluno de Lutero, é quem primeiro desenvolve a ideia de “*Kinderpredigten*”,<sup>3</sup> pregação para crianças, durante o culto, na cidade de Nürnberg, no período da Reforma. Nos encontros com crianças, havia momentos de instrução e momentos litúrgicos, porém, essa prática durou pouco.

Gottfried Adam relata que, em 1739, o termo “*Sonntagsschule*”<sup>4</sup> se referia à prática de instruir aos domingos/escola dominical, como um momento de instrução, em tempo extra, para reforçar o que foi aprendido na escola, com duas ênfases: uma sobre temas religiosos e outra sobre temas seculares, com um aparente formato litúrgico. Em 1767, o pastor Friedrich Oberlin reúne crianças, em sua comunidade em Steintal, aos domingos, para ler e explicar histórias bíblicas, com o auxílio de pessoas da comunidade. Dessa prática, surgiram os “*Kindergärten*”, jardins de infância, conhecidos primeiramente como “*Christlichen Kleinkinderschulen*”,<sup>5</sup> escolas para pequenas crianças cristãs. Baseada nessas práticas, surge a escola dominical, de tradição anglo-americana, e o culto infantil, de tradição alemã.

## I. ESCOLA DOMINICAL

A escola dominical surge na Inglaterra, no contexto histórico-social da revolução industrial, do desenvolvimento científico, da reforma agrária, que impulsiona as famílias pobres a viver nas cidades.

---

3 Gottfried ADAM. Art. „Kindergottesdienst“. In: ADAM, Gottfried & LACHMANN, Rainer (Eds.). *Gemeindepädagogisches Kompendium*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987, p. 282.

4 Gottfried ADAM, op. cit., p. 283-284.

5 Gottfried ADAM, op. cit., p. 283.

Em 1780, na Inglaterra, Robert Raikes observa grande número de crianças empobrecidas, brincando na rua, e é informado de que, aos domingos, esse número é ainda maior, porque também as crianças precisavam trabalhar muito, durante a semana, sem oportunidades para aprender a ler e escrever. Raikes, que era gráfico, imprime livros de histórias e contrata mulheres para contar as histórias às crianças. Sua preocupação com as crianças trabalhadoras abre-lhes uma possibilidade alternativa de alfabetização. Além da motivação social, também existe a motivação religiosa do Metodismo, do qual Raikes participava.<sup>6</sup>

Até 1799, as escolas dominicais se expandem para o País de Gales, a Irlanda e a Escócia. Antes, em 1791, é criada a primeira escola dominical nos Estados Unidos da América (EUA), porém com um propósito diferente. Francis Ashbury, bispo da Igreja Episcopal Metodista, ao transferir-se da Inglaterra para os EUA, percebe a carência de formação religiosa das pessoas, e procura alcançar os jovens da comunidade com enfoque missionário. A escola dominical transforma-se gradualmente no centro do trabalho comunitário, logo atingindo pessoas de todas as idades.<sup>7</sup> A escola dominical organizava-se em classes, conforme a idade, e “destinava-se apenas aos ensinamentos bíblicos e doutrinários”.<sup>8</sup>

## II. “KINDERGOTTESDIENST”

---

6 Gottfried ADAM, op. cit., p. 284-286.

7 Gottfried ADAM, op. cit., p. 285-287.

8 Leticia Bencke JUNGE. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981)*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado), p. 19.

No ano de 1790, a escola dominical começa a ser conhecida em Hamburgo, sofre um processo de adaptação à realidade alemã e, por algum tempo, é considerada como complementação da educação elementar. No entanto, somente em 1825, é iniciada a primeira escola dominical alemã, com os pastores luteranos Johann Georg Oncken e Johann Wilhelm Rautenberg. O ensino compreendia a arte da leitura e da escrita, e eram utilizados a Bíblia, o catecismo e o cancionário.

Entretanto, a prática alemã não conseguiu assimilar a concepção inglesa de ensino. A intenção era transformá-la em “*Gottesdienst für Kinder*”, culto para crianças. Em 1838, Johann Hartwig Bauer usa o termo “*Kinderkirche*”, Igreja Infante e, em 1847, Eduard Gleiß e colaboradores usam o termo “*Kindergottesdienst*”, Culto das crianças/culto infantil. Em 1869, o nome *escola dominical como culto infantil*, é usado para distinguir as duas dimensões do trabalho feito com crianças: uma dimensão catequética, centrada no ensino da tradição cristã, por meio de histórias bíblicas, e outra litúrgica, centrada na convivência comunitária e expressão da fé, por intermédio de cantos, orações e narrativas bíblicas. Em 1882, em Bremen, o Congresso de Escolas Dominicais determina como definitivo o termo “*Kindergottesdienst*”, firmando o culto infantil como trabalho comunitário, mais voltado para a dimensão litúrgica.<sup>9</sup> A partir de então, o culto infantil é visto como “um culto para e, ao mesmo tempo, das crianças”, que “festejam suas experiências, sua vida, sua fé. Elas respondem à Palavra proclamada (litúrgica) por meio de confissão, oração e cantos de louvor”.<sup>10</sup>

A história do culto infantil é marcada pela iniciativa de membros leigos das comunidades de fé. Em 1891, Ernst Christian

---

9 Gottfried ADAM, op. cit., p. 286-288.

10 Gottfried ADAM, op. cit., p. 293-294.

Achelis é um dos primeiros teóricos que apresentam o culto infantil como sendo o estágio intermediário do catecumenato,<sup>11</sup> entre o ensino recebido em casa, com a família e o ensino confirmatório.

Em 1919, Friedrich Niebergall estrutura uma liturgia mais apropriada para o culto infantil, mais leve que a do culto dos adultos. Considerando o jeito de ser das crianças, ele recomenda orações curtas, atividades movimentadas e hinos fáceis. Dessa liturgia faziam parte: introdução, oração, canto, conversa em grupos ou pregação para crianças, colocações finais ou catequese, oração, hino e bênção.<sup>12</sup>

No período da Segunda Guerra Mundial, o culto infantil teve o caráter catequético reforçado. No entanto, como o conteúdo das pregações nas comunidades tornou-se pró-nazista e antijudaico, a participação das crianças diminuiu. Em 1939, Oskar Hammelsbeck estabeleceu que o culto infantil fosse um curso cristão com três propósitos: fazer missão, batizar e capacitar para a vivência do evangelho. Após a guerra, “a questão da liturgia foi discutida em detalhes”.<sup>13</sup>

O uso frequente do termo *Kindergottesdienst* – culto das crianças, chama a atenção para “a necessidade de um trabalho pedagógico com as crianças na comunidade”.<sup>14</sup> Desde 1970, iniciou-se a orientação do culto infantil a partir de temas religiosos e

---

11 Catecumenato entendido como processo contínuo de aprendizagem na fé, “para vivência do evangelho”. VOLKMANN, Martin. Art. “Catecumenato Permanente – um desafio que permanece”. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 1994, ano 34, n.3, p. 205-218 e p. 209-210.

12 Gottfried ADAM, op. cit., p. 289-290.

13 Gottfried ADAM, op. cit., p. 291.

14 Cristiane GRAMKOW. *A importância do/a orientador/a na tarefa do Culto Infantil*. São Leopoldo: EST/IEC, 1999. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Educação Cristã), p. 6.

pedagógicos que levassem em conta a criança e suas perguntas, seus problemas, e a necessidade de enxergar as coisas do seu contexto ou ponto de vista. Desde a década de 1980, vem sendo desenvolvido um conceito integral e integrador, que envolve liturgia e catequese, procurando-se por uma combinação saudável, acolhedora, terapêutica, mais próxima da realidade que se vive.

### III. CULTO INFANTIL

A historiografia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB registra apenas sobre como a igreja foi se constituindo, destacando o papel dos obreiros pastores. Não há ainda uma pesquisa histórica sobre o culto infantil. Em 1824, a igreja luterana chegou ao Brasil com os imigrantes alemães e uma história de ensino marcada pela ortodoxia e pelo pietismo. Enquanto a ortodoxia defendia a “aprendizagem da doutrina correta”, o pietismo colocava ênfase “na vivência pessoal e comunitária dos ensinamentos do evangelho, na separação do cristão dos prazeres mundanos devido ao agudo senso de pecaminosidade humana e da consequente necessidade de regeneração”. O pietismo contribuiu pedagogicamente com a educação cristã quando fez da “educação uma atividade do coração, das mãos e do intelecto”. Orientava-se para uma “decisão pessoal por Cristo, em vez da concordância intelectual com certos princípios teológicos”.<sup>15</sup>

Durante muito tempo, os ensinamentos sobre a fé da igreja luterana foram repassados com “a Bíblia, o Catecismo Menor de

---

15 Danilo R. STRECK. Art. “Perspectiva luterana da educação (IECLB)”. In: STRECK, Danilo R. (org.). *Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC/IEPG, 1995, p. 27-28.

Martinho Lutero e o hinário”.<sup>16</sup> Em 1969, foi criado o Departamento de Catequese da IECLB, com o objetivo de coordenar a educação cristã nas escolas e comunidades da igreja. Tinha como tarefas “a capacitação de lideranças e a elaboração de materiais didáticos para o culto infantil e a escola dominical, para o ensino confirmatório e o ensino religioso”.<sup>17</sup> Até 1971, utilizava-se um material chamado *Estudos para escola dominical*, “que era praticamente o único material específico de orientação para os que auxiliavam no culto infantil”.<sup>18</sup> A partir de 1972, o Departamento de Catequese iniciou a publicação do *Manual para orientadores do culto infantil e da escola dominical*. Na introdução do referido manual, foi feita uma opção pelo culto infantil. A escola dominical foi caracterizada como:

“aula de Ensino Cristão, de catequese sendo realizada em poucas comunidades em nossa Igreja, enquanto que a prática do culto infantil se coloca mais sob o aspecto de mensagem, de pregação, de adoração, de culto, pondo ênfase na parte narrativa, estando amplamente divulgada no âmbito de nossa Igreja”.<sup>19</sup>

Em 1979, tentou-se dar início a uma reflexão sobre o culto infantil/escola sominical – CI/ED, tido como “uma das atividades mais tradicionais em grande parte das comunidades da IECLB”, embora a participação das crianças de 4 a 12 anos fosse estimada em torno de 5% do total aproximado de 120.000 crianças. Danilo Streck

---

16 Danilo STRECK, op. cit., p. 28.

17 Remi KLEIN. Art. “Entrevista sobre o Departamento de Catequese da IECLB”. In: JUNGE, Leticia Bencke. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981)*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado), p. 176.

18 Martim REUSCH. *Manual para orientadores do Culto Infantil e da Escola Dominical*. São Leopoldo: Sinodal, 1972, p. 1.

19 Martim REUSCH, op. cit., p. 1-2.

já deixava claro “que o trabalho com crianças é responsabilidade da comunidade toda, ou seja, pais, presbitério, diversos grupos e departamentos da comunidade”.<sup>20</sup> Entretanto, destacava uma tarefa específica do CI/ED: “que as crianças sejam ajudadas a reconhecer o amor e a vontade de Deus, e a participar neste amor e na realização desta vontade”. Na prática, significa considerar as crianças e sua realidade, traduzir a mensagem de Deus, de forma acessível e significativa, e auxiliar na apropriação dos conteúdos da fé cristã para a vida.

Martim Reusch, diretor do Departamento de Catequese na época, resgatou a caracterização do culto infantil/escola dominical em duas formas. Uma apresentada como “encontro com as crianças”, com liturgia e divulgação da mensagem simplificadas, narrativa de texto bíblico, atualização e fixação, canto e atividade criativa expositiva, sendo por vezes, considerada como um ensaio “ao culto dos adultos”. A outra buscava relacionar com a vida e experiências das crianças, abordando textos bíblicos e temas da vida e realidade; a dinâmica dos encontros envolvia o agrupamento das crianças conforme o nível de desenvolvimento, em círculos, oportunizando a participação; hinos eram acompanhados de atividades criativas como desenho, dramatização, jogo; buscava-se o confronto com a mensagem e sua aplicação concreta em forma de testemunho e serviço, no nível das crianças.<sup>21</sup>

Reusch também apresenta critérios e concepções que

---

20 Danilo STRECK. Art. “A tarefa do Culto Infantil/Escola Dominical”. In: *Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material*, ano 2 – 1979, nº1/2. A criança na comunidade. São Leopoldo: Sinodal, 1979, p. 12-18.

21 Martim REUSCH. Art. “Dinâmica de Escola Dominical/Culto Infantil: novas possibilidades”. In: *Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material*, ano 2 – 1979, nº1/2. A criança na comunidade. São Leopoldo: Sinodal, 1979, p. 21-22.

deveriam orientar o trabalho com crianças nas comunidades: 1) no CI/ED deveria haver condições de considerar a criança conforme fase de desenvolvimento e peculiaridades próprias; 2) os conteúdos de fé devem ser relacionados à vida, à vivência e às experiências diárias; 3) o ensaio da comunhão no CI/ED será considerado como “iniciação à vida de comunhão na comunidade maior dos que creem”, oportunizando vida em comunhão, amizade, realização de tarefas, partilha de experiências, percepção do outro, vivência de alegrias e tristezas, resposta à mensagem ouvida; 4) considerando a criança como sujeito ativo, o CI/ED deveria oportunizar diversas formas de expressão, vitais para que as crianças se constituam como pessoas; 5) o CI/ED é o espaço para se descobrir, elaborar e viver tarefas de serviço, também para fora do encontro; 6) sendo o processo de aprendizagem na fé um processo que engloba a vida toda da criança, o CI/ED deve integrar família e comunidade.<sup>22</sup>

Em 1982, o nome do material foi alterado para *Manual do culto infantil*, por opção do Departamento de Catequese, com base em justificativas teológicas e pedagógicas.<sup>23</sup> Na apresentação do manual daquele ano consta:

“pretendemos perseguir um encontro dominical em estilo de **culto** de crianças. ... gostaríamos de propor uma reflexão e um aprofundamento maior sobre o culto infantil na comunidade. A intenção é trazer mais do que uma catequese semanal, oferecendo ideias, sugestões e um embasamento maior para o trabalho com crianças na Igreja”.<sup>24</sup>

As atividades educacionais desenvolvidas na igreja com o

---

22 Martim REUSCH, op. cit., p. 23-24.

23 Remí KLEIN, op. cit., p. 179.

24 CENTRO de elaboração de Material da IECLB. *Manual do culto infantil*. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 2.

propósito de “tornar o evangelho acessível às crianças” deveriam estar ancoradas “no compromisso assumido em comunidade no ato do batismo”,<sup>25</sup> quando é perguntado aos pais e padrinhos se eles prometem fazer tudo para que a criança batizada seja educada e instruída na fé da igreja cristã.

Mauro Schwalm, pastor na IECLB, em seminário de aprofundamento para orientadores do culto infantil, em 2000, define o culto infantil como sendo o:

“serviço das crianças a Deus, serviço a Deus com as crianças, serviço de Deus às crianças através de nós. É espaço privilegiado da graça de Deus. Espaço onde se pode celebrar em conjunto a esperança cristã; onde se ensinam e transmitem fundamentos da nossa fé cristã. Mas também é espaço onde sempre de novo se pode aprender que Deus nos ama desde o princípio e quer que todos sejamos como crianças: humildes, simples, acolhedoras, receptivas, afetivas. Enfim, que se sabem dependentes do seu amor e da sua graça”.<sup>26</sup>

Culto infantil é um contexto de educação cristã, na IECLB, que oportuniza o crescimento na fé, como resposta à ação salvífica de Deus no batismo. Esse crescimento se dá: a) *pela pregação do evangelho*: anúncio da Palavra e a ação de Deus em favor da pessoa, anúncio da graça e misericórdia de Deus; b) *pela relação de intimidade*: espiritualidade cultivada e expressa de forma cúltica e; c) *pela vivência da fé*: no âmbito pessoal, enfrentando as adversidades e alegrias da vida, e no âmbito comunitário, respeitando e aprendendo o amor e o perdão, testemunhando a fé em ações concretas.

---

25 Cristiane GRAMKOW, op. cit., p. 17,19.

26 Mauro SCHWALM. Art. “Palavras de abertura de Seminário Sinodal para orientadores do Culto Infantil, 21 mai 2000”. In: DEPARTAMENTO de Catequese da IECLB. *Manual para o Culto Infantil*. São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 7.

Essas formas, de como o crescimento na fé acontece, podem ser observadas nas definições de culto infantil apresentadas por educadores cristãos, conhecidos como orientadores do culto infantil, em seus depoimentos à entrevista aplicada pela pesquisa de mestrado intitulada “Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no culto infantil”.<sup>27</sup>

Com relação à *pregação do evangelho*, os orientadores entrevistados dizem que o culto infantil é o “encontro com crianças para ensinar a Palavra de Deus”; é o “espaço que se tem para falar de Deus e de seu amor por elas”; é “onde a criança aprende sobre a Bíblia, o amor, a respeitar valores”; “é uma preparação teológica, ... uma preparação bíblica para as crianças, o fundamento bíblico, a base das histórias bíblicas que a gente está contando”. A ênfase está em ensinar e aprender a palavra, a ação, a graça e a misericórdia de Deus em favor das pessoas. Assim sendo, é preciso conhecer a Deus pelas histórias bíblicas, que revelam quem ele é. A *pregação do evangelho* pode construir, restaurar, trabalhar sentido na vida da criança e em suas relações com Deus, com os outros, com a natureza e com ela mesma.

Outros orientadores apresentam argumentos pedagógicos que valorizam o culto infantil e o distinguem em relação ao culto dos “adultos”, quando afirmam que o culto infantil “é o espaço da criança dentro da IECLB...”; “é um espaço de celebração, no qual a ênfase é a participação das crianças, é um espaço próprio para as crianças. Se o culto é o espaço no qual Deus vem ao encontro da comunidade, culto

---

27 Marilze Wischral RODRIGUES. Art. “Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no Culto Infantil”. Marilze Wischral RODRIGUES. *Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no culto infantil*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, (dissertação de mestrado).

infantil é o espaço em que Deus vem ao encontro das crianças. ... É também um espaço de motivação para uma participação mais efetiva na própria comunidade”; é o “espaço de vivência em comunidade e aprendizado”, “que se adapta à compreensão, ao entendimento das crianças”, “onde a criança, na maneira e na linguagem dela, aprende as maravilhas de Deus, o quanto Deus a ama e cuida dela”. É “onde a gente pode ensinar para elas o caminho de Deus numa forma mais leve”, “ensinar a Palavra de Deus, usando uma linguagem acessível para elas”. Esses depoimentos apontam para a necessidade que os orientadores do culto infantil têm de formação pedagógica que lhes permita olhar para as crianças; ler sua realidade, a partir do ponto de vista delas; entender suas fases de desenvolvimento, sua linguagem e capacidade de compreensão e assimilação dos conteúdos de fé, para auxiliá-las na apropriação e aplicação destes em suas vidas, num processo contínuo e crescente de envolvimento e compromisso pessoal e diário com o Deus vivo revelado.

A aprendizagem do amor de Deus acontece por parte da criança, mas também do orientador, que se prepara para ensinar e acaba aprendendo. Uma das pessoas entrevistadas dá o seguinte depoimento sobre o seu envolvimento com o culto infantil: “É um momento agradável com as crianças, no qual a gente brinca, conversa, troca experiências. Às vezes, a gente vai preparada e elas acabam envolvendo mais, nos questionam. ... É um momento de crescimento pessoal, em que você se doa e acaba aprendendo com as crianças”. Outra pessoa entrevistada afirma que o orientador do culto infantil precisa “saber que não só se ensina, mas também se aprende. Que ele não é mais nem menos que as crianças”. Esses depoimentos expressam a importância da disposição do orientador em buscar e permanecer em processo de formação contínua.

Nessa forma de ser do culto infantil, identificamos o pilar da educação, que tem como propósito **aprender a conhecer**. A ação que se espera é *cognitiva*, no sentido de conhecer e vivenciar os conteúdos de fé, interpretar a experiência humana, pensar sobre o que se crê e tentar compreender o que se espera de nós, cristãos, como expressar e aprofundar a fé.

Um dos objetivos do culto infantil é desenvolver essa dimensão cognitiva, por meio daquilo que se deseja ensinar às crianças. Para isso, é tarefa do culto infantil englobar as aprendizagens de compreender o mundo, viver dignamente, desenvolver capacidades individuais e coletivas, favorecendo o despertar da curiosidade intelectual, estimulando o sentido crítico e permitindo a aquisição de autonomia na capacidade de discernir, com base em princípios da fé cristã, para aproveitar o máximo essas aprendizagens, ao longo de toda a vida.

Outra forma como o crescimento na fé acontece, é por meio da **relação de intimidade**, caracterizada quando os orientadores dizem que o culto infantil “é a comunhão das crianças ou a comunidade das crianças em torno da Palavra de Deus”. É o “momento de encontro e troca de ideias sobre relacionamentos, fé, oração e outros assuntos”; “momento de liturgia, de convivência das crianças com a Palavra de Deus, e feito para elas”. O conteúdo primordial apontado e enfatizado pelos orientadores é o “amor que Deus tem por elas”, as crianças. Esse amor de Deus se manifesta por meio das maravilhas feitas por ele e do seu cuidado pelas crianças. A **relação de intimidade** desenvolve-se pela afetividade, quando as crianças conseguem sentir o amor e o cuidado de Deus com elas e pelas pessoas que elas amam, principalmente pela convivência afetiva que se desenvolve. O culto infantil é, portanto, um “espaço celebrativo e de convivência”, em

resposta à aceitação, ao amor e ao respeito que as crianças sentem.

Ainda sobre o aspecto celebrativo, alguns orientadores consideram que, “se o culto é o espaço no qual Deus vem ao encontro da comunidade, culto infantil é o espaço em que Deus vem ao encontro das crianças. Momento de celebração das crianças com o uso de altar, símbolos, sequência litúrgica ...”. Ou ainda, é “celebração de fé, que tem uma ‘liturgia’ voltada para a criança”, “É um encontro para crianças no qual se celebra, ouve-se da Palavra de Deus, se canta, faz brincadeiras e atividades em relação à história”. A ênfase está em celebrar a espiritualidade de forma cúlrica, cultivando a relação com este Deus amoroso e expressando sentimentos individuais e coletivos, por meio de ações diversas.

Com a intimidade se desenvolve a confiança, a relação de amizade entre as crianças e Deus, e com outras pessoas, contribuindo para a formação de identidade, o sentimento de pertença, a geração de autonomia e o crescimento na fé.

A identidade se constrói com o respeito, a consideração e as condições que são dadas a cada criança de passar pela experiência de assumir-se. No dizer de Paulo Freire “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto”.<sup>28</sup> A criança assume sua identidade diante de Deus quando suas concepções e seus sentimentos são expressos, aceitos e respeitados pelo grupo de convivência, o que, por outro lado, também gera o sentimento de pertencer ao grupo das pessoas que se identificam pela mesma fé em Deus.

---

28 Paulo FREIRE. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 46.

A autonomia se desenvolve pelo respeito e pela dignidade que o orientador confere à curiosidade, ao gosto estético, à inquietude, à linguagem da criança; e, pela forma como ele estimula e permite que a criança assuma sua capacidade de aprender, sentir, fazer, viver aquilo que lhe foi ensinado. À medida que a criança usa essas capacidades, e se assume como sujeito de sua vida de fé, na relação com Deus e as outras pessoas com quem se identifica, sua fé cresce interiormente e se expressa exteriormente, em atitudes.

A espiritualidade é cultivada e expressada pela admiração e reverência em “viver com Deus, família e comunidade”, e se desenvolve, à medida que o relacionamento com Deus se intensifica, produzindo sentimentos de segurança, aceitação, paz, alegria, amizade, respeito e solidariedade. O despertar desses sentimentos, a prática da afetividade gera a motivação para que as crianças pratiquem o que aprenderam cognitivamente.

Pelos argumentos apresentados, o culto infantil precisa ser um encontro alegre, seguro e tranquilo, em que as crianças se sintam aceitas, amadas e respeitadas, em que elas sintam alegria, paz, consolo e ânimo em estarem juntas e experimentar a presença de Deus. O que significa dizer que o orientador de culto infantil precisa estar consciente da necessidade que a criança, assim como o adulto, tem de vivenciar essa experiência, mesmo que não saiba como explicá-la.

Novamente é possível perceber aspectos de outro pilar da educação. Dessa vez, aquele que tem como propósito **aprender a ser**, que leva em conta a pessoa integral (espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade). A pessoa desenvolve a identidade e os talentos a partir do autoconhecimento, da autocompreensão, da imaginação,

da criatividade, da liberdade de pensamento, dos sentimentos e da capacidade de discernimento. A ação que se espera é *afetiva*, no sentido de desenvolver a confiança, a relação de amizade entre a criança e Deus, moldada pela relação que ela desenvolve com outras pessoas. A criança é convidada a confiar em Deus para desenvolver seu relacionamento com ele.

Um dos objetivos do culto infantil é desenvolver a afetividade, por meio daquilo que se quer que as crianças **sintam**. Torna-se, portanto, tarefa do culto infantil: sustentar o crescimento espiritual das crianças, aprofundar sua relação com Deus e promover a relação de amizade e compromisso com e entre todas as pessoas de seu convívio, no grupo do culto infantil e para além dele.

A concepção de crescimento na fé também é observada nas falas dos orientadores como *vivência da fé*, ou seja, o culto infantil “é um trabalho fundamental para a vida da criança, da pessoa, para viver melhor, junto com os outros, principalmente dentro da comunidade dela e vivenciar a fé”; é a “base para as crianças construírem sua vida como cristãos ... Bases para viver a vida cristã”; “O culto infantil deve ter também a função de despertar o testemunho no mundo, na sociedade. No culto infantil, celebrar esse amor de Deus nos fortalece para sermos testemunhas concretas no nosso dia a dia, falando, mas também agindo”. Ou seja, é apresentada uma dimensão prática, avançando do campo das ideias e dos sentimentos para o campo das ações, articulando a fé cristã como a inspiração para uma prática de vida, da vida cristã. A ênfase está em desenvolver ações que possibilitem enfrentar as adversidades e as alegrias da vida, respeitar e aprender o amor e o perdão, testemunhar a fé em ações concretas, com Deus, com a família, com a comunidade, e com a sociedade como um todo.

Como comunidade cristã, a igreja tem a intenção de que seus membros aprendam a participar da vida comunitária a partir da experiência do culto infantil, o que também aparece nas entrevistas, quando é dito que o culto infantil “é a base da comunidade, porque a criança que participa do culto infantil, depois vai participando dos outros setores da comunidade. E se a criança não começa desde cedo a participar, é muito difícil que depois ela participe do grupo de jovens porque ela não tem aquela vivência. E quase tudo que se aprende enquanto se é criança é mais forte depois. A criança que não tem uma vivência religiosa enquanto criança, muito dificilmente participará depois, até na própria sociedade, terá dificuldades de se incluir em outros setores”, com referência a Provérbios, capítulo 22, versículo 6, que diz: *edueque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele.*<sup>29</sup> Surge um forte argumento para a importância de se investir no trabalho com crianças, quando um orientador diz que é no culto infantil “que inicia toda a vida da comunidade”.

Os orientadores também apontam para uma responsabilidade do culto infantil, que parece estar sendo negligenciada pelos pais. Isso se evidencia nos depoimentos: “É um trabalho extremamente importante porque é ali que se preenche um pouco o que a família deixa de fazer”, e “faz o que antigamente os pais faziam, ... preenche parte da função dos pais”. Os orientadores entrevistados alertam sobre a participação dos pais, quando dizem que o “culto infantil é primordial e o interesse tem que ser despertado pelos pais. Não basta mandar para o culto infantil; é preciso que os pais também participem dos setores da igreja”.

Os outros pilares da educação também se apresentam

---

29 BÍBLIA Sagrada, 2000, p. 434.

nessa forma de ser do culto infantil. **Aprender a fazer** tem por propósito ensinar a criança a colocar em prática os conhecimentos, o que aprendeu no culto infantil. Não basta *saber* e *sentir*, é preciso *fazer* com espontaneidade, responsabilidade, discernimento, compromisso e criatividade, dentro do contexto em que ela vive, no momento presente e no futuro. E **aprender a viver com os outros** exige descobrir-se a si mesma para compreender melhor e respeitar os outros, saber dialogar, trocar argumentos, participar de projetos comuns, construindo a paz sobre tensões e conflitos.

A ação que se espera é atitudinal, procurando desenvolver a participação ativa, alegre, esperançosa, pacífica e amorosa. As crianças são convidadas a amar a Deus amando outras pessoas, colocando a vida a serviço do amor. O culto infantil tem o objetivo de desenvolver o testemunho da mensagem da fé cristã em palavras, sentimentos e atitudes, por meio daquilo que se quer que as crianças **façam**. É tarefa do culto infantil, promover a coragem de viver em resposta ao presente de Deus, e a coerência entre a fé confessada e as atitudes de participação no mundo.

Na combinação da *pregação do evangelho*, da *relação de intimidade*, e da *vivência da fé*, com os pilares da educação, *aprender a conhecer*, *aprender a ser*, *aprender a fazer* e *aprender a viver com os outros*, é necessário desenvolver os objetivos de ensino do culto infantil. Esses objetivos se expressam nas ações de *saber*, *sentir* e *fazer* para que o crescimento na fé aconteça de forma dinâmica, processual e efetiva, conduzindo seus sujeitos da *crença* (ação cognitiva), pela *confiança* (ação afetiva), para a *atitude* (ação atitudinal), e envolvendo a vida toda da criança.

Em síntese, crença, confiança e atitude equivalem ao que o apóstolo Paulo escreveu na primeira carta aos Coríntios, capítulo 13,

versículo 13: *existem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. Porém a maior delas é o amor*<sup>30</sup>. Portanto, fé e esperança ganham vida no amor praticado, vivido em relação a Deus por intermédio da relação com os outros. Isso pode acontecer no culto infantil, mas também pode acontecer no culto chamado “dos adultos”, o que não justifica colocar todos juntos no mesmo culto e esperar que o processo aconteça com todos naturalmente. Como já foi mencionado, as crianças têm características peculiares, linguagem própria, capacidade de compreensão e assimilação dos conteúdos de fé diferente dos adultos, e elas precisam ser respeitadas e consideradas de maneira diferente, especial, para que sua especificidade seja atingida, e os objetivos da educação cristã com elas sejam alcançados.

Os orientadores do culto infantil, entrevistados nesta pesquisa, identificam-no dizendo que: “Indo ao culto infantil, a criança vai adquirindo, evoluindo, vai tendo mais conhecimento do que é ser cristão, qual a importância de Cristo para nós e o que um cristão faz na sociedade, quais são as atitudes de um cristão”; “Há pessoas que veem o culto infantil como o lugar onde os orientadores estão lá para brincar, mas é uma visão equivocada. O culto infantil é uma prática no nível das crianças, mas é um culto. Tem momentos de brincadeira, mas o principal é a fundamentação teológica, a doutrina cristã”; “É uma preparação cristã sobre mandamentos, Bíblia, sacramentos”; “Há aqueles desenhos, aquelas músicas com gestos, aquilo apresenta a vida cristã para as crianças. E a criança aprende tão fácil, que ela leva isso para o resto da vida. Eu posso mostrar para elas um caminho no qual não tem uma obrigação: você gosta de Deus? Siga-o!”; “É uma caminhada, um complemento, espaço para crescer na fé, demonstrar solidariedade”; “No culto infantil deve ter uma educação integral.

---

30 BÍBLIA Sagrada, 2000, p. 143.

Ajudar as crianças a se integrarem”; “É ferramenta de transmitir a Palavra de Deus”; “Tem a sua teologia e tem como base sentir o mundo cristão, lugar de convivência de sentir a presença de Deus”; “É confessional”; “No ensino confirmatório, a criança que participou do culto infantil vem com uma bagagem maior. É mais certo que uma criança que participou do culto infantil vá querer participar da Juventude do que uma que não participou”; “Tem ... papel de ensinar, é uma tentativa de desempenhar essa tarefa assumida no batismo. É uma... dentro de um processo, na perspectiva de educação contínua”; “É educativo pelo contato com elementos e símbolos litúrgicos, faz parte do celebrar, ... de ensinar, falar sobre os conteúdos da fé: as histórias bíblicas, os mandamentos, o relacionamento de Deus com o seu povo, esse Deus amoroso que está sempre de novo chamando e indo ao encontro de seu povo”; “É comunidade, são as crianças da comunidade agrupadas ao redor da Palavra de Deus, às vezes, em outro espaço ou tempo”.

Urge fortalecer o culto infantil pela redescoberta de sua função e propósito; pela capacitação dos que nele atuam; pelo aprofundamento, pela contextualização dos conteúdos de fé; pela apropriação de metodologias criativas e emancipatórias; pela criação de formas alternativas de buscar as crianças que não participam; pelo despertar do compromisso dos pais com suas crianças; pela postura da igreja em retomar suas prioridades. Esse espírito de união de forças é requisitado tanto para o culto infantil, quanto para o próprio culto “dos adultos” e, por que não dizer, para a vida da igreja toda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Gottfried. Art. „Kindergottesdienst“. In: ADAM, Gottfried & LACHMANN, Rainer (Hersg.). *Gemeindepädagogisches Kompendium*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.
- *BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- CENTRO de elaboração de Material da IECLB. *Manual do culto infantil*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GRAMKOW, Cristiane. *A importância do/a orientador/a na tarefa do Culto Infantil*. São Leopoldo: EST/IEC, 1999. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Educação Cristã).
- JUNGE, Leticia Bencke. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981)*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado).
- KLEIN, Remi. Art. “Entrevista sobre o Departamento de Catequese da IECLB”. In: JUNGE, Leticia Bencke. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981)*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado).
- LUTERO, Martim. *Educação e reforma*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.
- REUSCH, Martim. Dinâmica de Escola Dominical/Culto Infantil: novas possibilidades. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. A criança na comunidade. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- REUSCH, Martim. *Manual para orientadores do Culto Infantil e da Escola Dominical*. São Leopoldo: Sinodal, 1972.
- RODRIGUES, Marilze Wischral. Art. “Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no Culto Infantil”. RODRIGUES, Marilze Wischral. *Formação continuada de educadores cristãos: vivendo a fé cristã no culto infantil*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, (dissertação de mestrado).
- SCHWALM, Mauro. Art. “Palavras de abertura de Seminário Sinodal para orientadores do Culto Infantil, 21 mai 2000”. In: DEPARTAMENTO de Catequese da IECLB. *Manual para o Culto Infantil*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- STRECK, Danilo R. Art. “Perspectiva luterana da educação (IECLB)”. In: STRECK, Danilo R. (org.). *Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC/IEPG, 1995.
- STRECK, Danilo. Art. “A tarefa do Culto Infantil/Escola Dominical”. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. A criança na comunidade. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- VOLKMANN, Martin. Art. “Catecumenato Permanente – um desafio que permanece”. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 34, n.3, 1994, p. 205-218.